

CRÓNICA 532 Em memória do meu amigo Cristóvão de Aguiar 10.7.2024

*Há dias, um dos filhos do autor em epígrafe mandou-me retirar tudo que dele consta no meu blogue. A minha amizade durou uns largos anos, para além da sua participação nos Colóquios da Lusofonia em 2009. Disso não fiz segredo nos livros *Crónica Açores*, e como os textos são meus e começa a esvair-se no esquecimento profundo do público a memória daquele autor, resolvi retirar do baú esses textos e partilhá-los aqui para quem não adquiriu o *Crónica Açores*.*



7.3.2. PASSAGEIROS COM POUCO TRÂNSITO, CRÓNICA 104 - 12 agosto 2011

Parado no aeroporto da Horta, não sou o Passageiro em trânsito do Cristóvão de Aguiar, nem transporto o Fogo Oculto do Vasco Pereira da Costa, antes deixo que os ponteiros do relógio caiam lentamente, minuto após minuto, por entre o linguajar dos que, comigo, esperam um avião.

Como sempre acontece, quando excursiono nestas ilhas atlânticas, nunca tenho vontade de partir: impérvio, permaneço sentado, quase imóvel, no pátio de observação do aeroporto da Horta. Estou de frente para o Pico que me pisca o olho, sorrateiro, por entre as nuvens, escondendo-se, amiúde, dos meus olhos perscrutadores. Ao contrário do Cristóvão não carrego a ilha e a que transporto não é outra. Não trago a reboque este arquipélago, mas deixar a ilha é sempre uma partida sem regresso marcado, como quem faz um luto indesejado ao correr dos dias. Não levo comigo a dor nem a lágrima furtiva, apenas acalento o desejo do regresso numa noite de luar como o de ontem.

7.4.2. A MAGIA E O MAGNETISMO DO PICO ATRAEM-ME, SERÁ AQUI O ABISMO? CRÓNICA 74, 9 09 09

Era apenas dia 27, mas no aeroporto concentravam-se já cinco voos neste final de férias de agosto, dois para Lisboa, um para o Porto, o do Pico e o das Flores. Apenas sete pessoas antecediavam na fila de “check-in” quando os computadores avariaram. As filas pararam mais de 40 minutos e rapidamente cresceram. Mais de uma centena de pessoas. O ar era irrespirável com o calor e humidades próprios da época e do local. A habitual cortesia e hospitalidade dos operadores aéreos (SATA e TAP) para com os clientes e passageiros levou-os a nada comunicarem sobre o acontecido. Fizeram bem, pouparam preocupações aos passageiros sobre assuntos que lhes não diziam respeito. A turba acumulava-se incomodada naquela sala que bem podia ter sido retirada duma cena de “O Passageiro em trânsito”, opus magister, do Cristóvão de Aguiar. As línguas entrecruzavam-se com os idioletos dos emigrados que não falam nem português nem inglês. Numa banda desenhada os olhares atónitos dos estrangeiros surgiriam acompanhados de balões com pontos de interrogação descomunais. O silêncio imperava nos altifalantes contrastando com o alvoroço dos candidatos a viajantes.

Isto das ilhas tem muito que se lhe diga, umas estão de costas voltadas para o mar, como S. Miguel, e outras há que não vivem sem ele, como o Pico. Sei que é uma questão de tempo até começarem a zurzir nos forasteiros que ousam opinar sobre este arquipélago. Quando se perora sobre as nove filhas de Zeus urge não melindrar os interesses estabelecidos. As visões críticas ou não conformadas aos cânones podem acarretar sérios riscos para a saúde mental dos seus autores. Vozes críticas ou arredadas dos estereótipos não abundam nem são benquistas.

As elites dominantes e os poderes caciqueiros logo se insurgem. A ingratidão, vergonha e falta de patriotismo são epítetos comumente usados para denegrir os que ousam. Citam-se páginas relevantes da heroica gesta açoriana, com destaque para as guerras liberais e inúmeras desventuras de emigrantes que triunfaram. Surgem editoriais e recensões violentas nos jornais locais. Os caixeiros-viajantes da cultura logo se arrogam o direito de defender a açorianidade ofendida. Tais declarações de repúdio raras vezes saem dos quatro cantos do arquipélago que falar dos Açores ainda não se tornara moda na grande capital do Império. Foi isto que, por mais de uma vez, aconteceu ao amigo, o mal-amado escritor Cristóvão de Aguiar. Apodaram-no de tudo e mais alguma coisa, pois convém sempre ser mais papista que o papa. Em meios pequenos é consabida a tendência para apoucar aqueles que das leis do esquecimento se desembaraçaram, como diria o vate, enquanto o imperador e séquito distribuem viagens e mordomias. Terras pequenas, invejas grandes, a reprodução do mote popular “a minha festa é maior que a tua”.

7.4.3. SOBRE O PICO...CRÓNICA 74, 2009

Levantei a viatura de aluguer no aeroporto, depois de ter tomado um café (a "italiana" habitual) de sabor indistinto num bar pachorrenco como as vacas picoenses, enquanto me ajustava ao calor e humidade. Metemo-nos a caminho por essas boas estradas que a ilha do Pico tem. Fazem inveja às restantes ilhas, pois nenhuma foi bafejada com tanta reta asfaltada. A maior terá mais de 9 km...Apesar de cá ter estado, apenas por duas vezes, senti que a ilha era uma velha conhecida e o mapa continuou guardado na pasta dos documentos. Fomos almoçar ao Clube Naval de S. Roque com um bom serviço de "buffet" ao preço de 7.00€ e café incluído. O Cristóvão de Aguiar proclamou-se guia e levou-nos às Lajes à "Semana dos Baleeiros" que ocorre sempre após a "Semana do Mar" na Horta. Tive de mudar a anterior opinião sobre as Lajes logo que visitamos o que resta das muralhas do forte (ora reconstruídas e aproveitadas como espaço turístico) e o Centro de Artes e Ciências do Mar (na antiga fábrica da baleia SIBIL, que se dedicou à transformação dos grandes cetáceos em óleos e farinhas). Havia lá uma moderna livraria, naquela época era a única digna desse nome nas ilhas do triângulo. Nela encontramos inúmeros livros para acrescentar à coleção de autores açorianos.



Em amena cavaqueira dizia o Cristóvão que tinha conseguido algo que eu almejava, ver alguém a ler um livro seu num jardim de Coimbra. A surpresa foi ver o meu último livro "CHRÓNICAÇORES", incluído na "literatura açoriana" e foi, então, que a jovem funcionária, Cláudia de sua graça, declarou que tinha adquirido o meu livro e estava a lê-lo em casa. Autografei outra cópia, com o ego exultante por estar ao lado dum célebre autor e ser eu a autografar a pretensiosa trilogia. Claro que após este incidente, as Lajes do Pico pareceram mais bonitas, soalheiras e convidativas do que em visitas anteriores.

Vi a expansão do Museu instalado nas três casas de botes do século XIX. Este Museu dos Baleeiros é único na Europa. Além de expor uma interessante coleção de "scrimshaw" tem uma pequena biblioteca com documentos, mapas, cópias de livros de bordo e uma "tenda de ferreiro" onde é possível aprender como eram fabricados diversos utensílios usados na caça da baleia.

Sentamo-nos numa esplanada na marginal a dessedentarmo-nos enquanto se punha a conversa em dia, antes de subirmos ao Alto da Rocha do Canto da Baía para visitar a "Cabana do Pai Tomás". Satisfiz a curiosidade de visitar a casa de Dias de Melo. Nas viagens anteriores (2007) ainda não conhecia o autor. Ali, espartanamente vivera, numa casa pequena e humilde, ora telhada de novo mas com o desconforto da minúscula casa de banho exterior no piso térreo. Em cima, o autor dormia, comia e escrevia. Do pátio exterior avistava-se a imensa mancha de Mar Oceano pontuada pelo pequeno farol da Calheta de Nesquim que serviria de inspiração a tantos dos seus livros.

Após 4 dias e cinco noites de convívio intenso e aprendizagem ilimitada na ilha do Pico, estava já em posição de aceitar que Cristóvão tinha razão ao afirmar sobre a literatura açoriana...

Depois de ler quase todas as obras de Dias de Melo, salvavam-se as baleias, outro livro mais intimista como "À Boquinha da Noite (2001) e pouco mais. Li e detestei "O Menino deixou de ser menino" (1995) e "Pena dela, saudades de mim" (1994) dum neorealismo primário e básico que nada tem a ver com os livros mais antigos sobre os baleeiros. Daniel de Sá tem como uma das melhores obras, a novela "O Pastor das Casas Mortas" e "Ilha grande fechada" (1992). Excluí a obra religiosa por razões óbvias, não a podia apreciar. Ressalvava bons textos que surgiram em guias de turismo como "Santa Maria Ilha-Mãe", "S. Miguel, a ilha esculpida" e outro sobre a Terceira. Entretanto, já lera outros poetas e escritores açorianos espantosos de quem poucos falavam. Martins Garcia era um deles...O problema é que sem querer metera-me (e aos Colóquios) numa toca de lobos de interesse esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias. Ora bem, a minha autocrítica ao fim de 4 dias perante o Cristóvão, escritor maldito e malquisto nas hostes açorianas, era a seguinte: embandeirara eu em arco, louvando

exageradamente, adjetivando em excesso e elevando aos píncaros alguns sem separar o trigo do joio. Gostava do Cristóvão, do Daniel e do Onésimo. De todos era amigo, mas existiam outros para desvendar. O Cristóvão foi o meu mentor nesse processo.



De dezenas já lidas e folheadas a maioria não tinha a tal qualidade de que Cristóvão tanto falava. Sendo um forasteiro deixara-me iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e costumes ancestrais. Embalara-me no canto das sereias. “O Pastor das Casas Mortas” fora já traduzido por mim para inglês. Dias de Melo até para japonês fora traduzido. Cristóvão ainda não. Nem outros escritores e poetas que o mereciam. Um crime de lesa literatura. Iria concentrar os esforços dos colóquios para os editar e traduzi-los. Teria de ler os restantes para apreciar a sua universalidade, além da matriz açoriana que a todos permeia. Sei que incorrera numa possível falácia de tomar a nuvem por Juno e louvaminhado em excesso os autores que os colóquios divulgaram. Teríamos de ser mais parcios nos encómios. Dias de Melo e Daniel de Sá já têm uma editora a traduzi-los e divulgá-los, falta fazer o mesmo para Cristóvão de Aguiar, um escritor universal com uma vastíssima obra. Em Bragança no 8º Colóquio iria iniciar a campanha para o traduzir (Bulgária, Roménia, Polónia, Eslovénia). Iria tentar a editora Almedina, no Brasil, para apresentar “Tabuada do Tempo” e de “Torga Lavrador das Letras” do Cristóvão de Aguiar. Se pudesse concentrar esforços talvez conseguisse algo até abril 2010.

Aturdido fiquei ao ver totalmente seca a mais bela lagoa de todas: a do Paul, mirrada, sem as manifestações espontâneas de árvores endémicas como espigos-de-cedro (*Arceuthobium Azorica*) nas suas margens e onde dantes havia água pastavam uns três cavalos.



lagoa do Paul Antes (2007) e depois (2009)

No segundo dia da estadia, abusando da paciência do Cristóvão que ficou no ar condicionado na receção da Gruta das Torres (que já conhecia e não queria visitar de novo) descemos às catacumbas do vulcão do Pico. Conhecida pela altura e beleza do Pico que lhe deu nome e das paisagens que se desfrutam do alto das suas vertentes, a Ilha tem ali o verdadeiro contraponto das alturas e um atrativo não menos pitoresco. As Grutas estavam fechadas na nossa estadia no natal de 2007. Ainda só 500 m estão abertos ao público. Em boa hora as visitei.

Graças às suas características inovadoras, foi selecionado para o prémio oficial da União Europeia em parceria com a Fundação Mies van der Rohe de Barcelona, "European Union Prize for Contemporary Architecture Mies van der Rohe Award 2007".

Todos os minutos foram de uma descomunal aprendizagem e de algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto. Uma visita surreal que parecia retirada de uma cena do filme “À procura da arca perdida” sendo os visitantes os “salteadores”. O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete de mineiro. Ficamos trinta segundos à luz natural daquele enorme tubo lávico. As cores, as formas e a explicação científica da jovem guia ajudaram a perceber a formação daquele e doutros vulcões. O interior é rico em formações e estalagmites lávicas, bancadas laterais, **lava balls**, paredes estriadas e lavas encordoadas. Estas visitas fazem sentir a pequena dimensão humana face à natureza mãe que tudo cria e destrói. O sistema formou-se quando a lava pahoe-hoe desceu do cone parasítico do Cabeço Bravo há 500 - 1500 anos.

Trata-se da maior gruta açoriana (5 439 m.) com uma altura que chega aos 15 m. na entrada que se faz por um algar.

O restante tempo, dias, tardes e noites picoenses foram ocupados com leituras, discussões e uma enorme aprendizagem. Surgiam em catadupa nomes e obras dos últimos quarenta anos. Os autores eram açorianos, descendentes, emigrados e outros. Muito descobri naqueles dias com essa enciclopédia de conhecimentos e de livros que é Cristóvão de Aguiar, convidado especial do Colóquio da Lusofonia.

As gentes do Pico são afáveis e hospitaleiras como nas ilhas que já visitei. Um incidente ao almoço no restaurante Canto do Paço, Prainha, leva a interrogações. Domingo. Sala com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servir. Pelo sotaque era afrodescendente de escravos. Disse ser de Pernambuco, apaixonada por um Picaroto e em má hora para ali fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam. A viagem da jovem seria um tema interessante para desenvolver. Podia-se fantasiar que em frente a um globo terrestre se interrogara para onde ir. Uma terra começada com a letra “P”. O dedo mindinho que tudo sabe caíra no meio do oceano. Sob a lupa uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos começados por “P”. Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco – Pico – Prainha. Já afirmei que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam dos seus percursos.

Mas são esses portugueses que sempre denotaram um invulgar caráter e inventividade. Atualmente, é proibido por força de lei, anunciar nas viaturas particulares que estão à venda. Pois bem, na longínqua ilha, afastada dos centros de poder inventaram uma nova modalidade comercial “Troco Por Euros”. Não infringem a lei pois não vendem a viatura nem anunciam a venda. Apenas a trocam por euros. A troca não é proibida. Saí do restaurante devastado pela mácula nas gentes da Prainha face à compatriota que ali arribara, mas simultaneamente enternecido pela invenção da “troca por euros”.



Ao chegar a casa e parando no café Refúgio, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ofereceram-me graciosamente o café por ser o último que ali tomava. Andados uns passos rumo à casa do escritor deparei com uma camioneta de passageiros estacionada aguardando o começo da semana para voltar a trabalhar. Acorreu-me a ideia peregrina de como seria uma aventura “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos passageiros. Não seriam cobrados bilhetes. Pararia em todos os locais, podendo deter-se para que fossem contadas as histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos.

Os Açores são uma réplica miniatura da corte lisboeta. As elites não perdoam aos que não comungam da verdade única com força de dogma. Cristóvão escreve com uma pluma incómoda. Reservou-se um papel de narrador que pensa, fala e escreve sem recorrer aos lugares comuns que tanto gáudio causam na população. Não reivindica verdades absolutas ou duradouras, limita-se a descrever o que sente e vê. Criaram-lhe a fama de irascível (quantas vezes com justas e fundadas razões?).

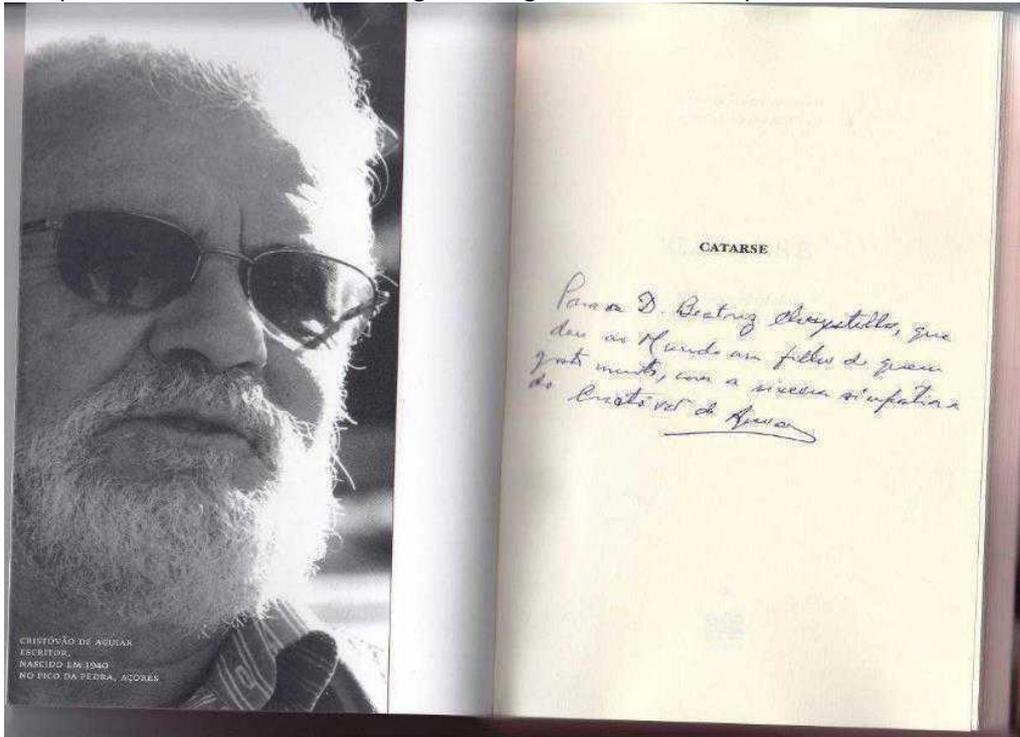
Eu recebi “avisos amigos” para os perigos quando o convidara a estar na Lagoa em março de 2009 para o 4º encontro açoriano da lusofonia. Congratulo-me que, relutantemente, Cristóvão tenha acedido. Ao longo de cinco meses trocamos correios eletrónicos e telefonemas criando uma amizade saudavelmente aberta e crítica. Estava eu carecido de aprender mais com este enigmático personagem que tantos cuidados incutia aos defensores da paz padre açoriana. Como acumulei milhas no cartão de viandante frequente aceitei a sua hospitalidade para uns curtos quatro ou cinco dias no Pico que Cristóvão assumiu como segunda pátria. Nove dias após partir de São Miguel Arcanjo na ilha mágica de regresso à ilha de São Miguel Arcanjo ainda reverberavam os encantos daquela. Assim me despeço da ilha prometendo

voltar um dia, gostava de alugar casa por um mês inteiro e visitar as ilhas ainda desconhecidas pelo navegador sem barco (Graciosa, Flores, Corvo). Há qualquer coisa de mágico, íman secreto, que atrai e me faz querer viver ali. Talvez a vontade de ouvir as histórias dos passageiros da camioneta sem rumo. Terei de consultar um especialista para me tratar da eterna infidelidade, cada nova ilha é um novo amor, paixão ardente, desejo irreprimido.

10.20. A UMA MÃE DEPRIMIDA - CRÓNICA 106, 28 agosto 2011

Normalmente são os mais velhos quem dá conselhos aos mais novos, e os incentivam a lutarem contra as adversidades, mas aqui vai haver uma pequena inversão de valores pois à minha mãe deu-lhe agora com esta linda idade de 88 ½ anos para andar desanimada e deprimida. Nem se entende bem por que razão, pois o país vai de vento em popa rumo à destruição final e a tornar-se num rodapé da História.

... Depois a 19 de maio Cristóvão de Aguiar autografou um livro em que ficou escrito



Cumprir a minha quota-parte.

11.5. BRAGANÇA 2010 RESCALDO 14º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, 2010, CRÓNICA 85 - 7 outubro 2010

... Outra sessão deveras interessante e de animado debate foi a dedicada à Literatura e Açorianidade, Homenagem contra o esquecimento a Vasco Pereira da Costa e Cristóvão de Aguiar. Saliente-se que a cobertura jornalística, na abertura e fecho e durante as sessões, foi das maiores de todos os nove colóquios em Bragança, além da RTP, a SIC esteve presente, bem como jornais e rádios locais que entrevistaram presentes e deram destaque à presença de representantes de Macau e de Malaca.

Foi igualmente anunciado que os primeiros seis números dos Cadernos de Estudos Açorianos já se encontram disponíveis nas páginas dos colóquios. A obra de Cristóvão De Aguiar, Dias De Melo, Daniel De Sá, Vasco Pereira Da Costa, e outros, está a ser estudada em mestrados e doutoramentos na Universidade de Constanza, Roménia, e no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Faculdade de Novas Filologias da Universidade de Varsóvia, Polónia, havendo parcerias com tradutores para a tradução da obra "O Passageiro em Trânsito de Cristóvão de Aguiar) em Italiano, Francês, Romeno, Polaco, Russo, e Búlgaro (e Esloveno), posteriormente, editadas com apoio do Instituto Camões.

Parafrazeando Cristóvão de Aguiar (*In Cristóvão de Aguiar (in Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Publicações D. Quixote, 2004)*) direi da Língua de todos nós:

Amo-a sem o empecilho da palavra.

O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.

Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável, como tão eloquentemente escreveu, em título de livro, o Poeta Egito Gonçalves. Os poetas têm sempre razão!"



14.5. ESCRITORES, FESTAS E SEM-ABRIGO, CRÓNICA 67 - 5 AGOSTO 2009

A suave agitação das ondas quase um marulhar despercebido por entre as vagas minúsculas que se espriam na areia, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo guardanapo, pois esqueci-me do companheiro de todas as horas, o bloco de notas Moleskin... Há dias escrevia-me ele (Cristóvão de Aguiar) a dizer:

“Obrigado pelas tuas palavras de amizade. E também pelas fotografias que mandaste em devido tempo e nem sequer respondi, do que me penitencio. Quanto à Rosário [Girão dos Santos], tenho a dizer-te que é uma crítica de primeira-água. Sabe o que faz, e é muito segura no que escreve. Por vezes não chego à sua altura e não entendo certo vocabulário da hermenêutica, mas a culpa é toda minha, que sempre fui relapso à teoria literária e linguística.”

Muito inferiorizado me julgo, como sofria já com o meu mentor político, também ele ligado aos Açores (Melo Antunes) e outro mentor intelectual (também já falecido) o Zé Augusto Seabra. Se agora encontro neste amigo novo um escritor que se crê maldito porque outros o fizeram assim, um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo, por outro lado, não me revejo nele ao entrar nesta fase adiantada da minha vida com um otimismo que me não é inato. Até hoje nem lhe respondi, pois, não sei como, nem hermenêutica nem exegese me tocam, que são ramos do conhecimento para além da minha compreensão, que estudos de Humanidades não tive, nem meus pais me deixaram e, se sou como sou, a meu pai o devo, tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos, uma mera *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas. O tempo tem andado “caramonico”, com dias quentes e outros cinzentos, bulindo com o estado de espírito cansado e carente de férias a sério, que não teremos, excetuando quatro dias que no Pico a desfrutar da companhia e do convite irrecusável do Cristóvão. É a crise diriam uns, outros - como eu - encolherão os ombros, no mais calamitoso ano da minha carreira de tradutor de mais de trinta anos.



14.6. AMIGOS ESTIMULANTES CRÓNICA 68, 6-7 AGOSTO 2009

Cristóvão de Aguiar fez uma comparação lisonjeira, quando lhe disse que não mentia ao escrever pois o que saía da minha pena era genuinamente sentido. Afirmou que outro transmontano e escritor, de seu nome Miguel Torga, lhe dissera alhures que *“nunca mentia ao escrever poesia”*. Seria pela origem transmontana comum, mais do que qualquer outra coisa, que Torga não sou nem nunca fui a não ser na expressão de sentimentos reprimidos. Sei que ele anda ocupado e acompanhado, mas encontrei um exemplar do modelo base que pretendo (em tamanho maior) para os nossos Cadernos de Estudos Açorianos...aliás foi a “Maré Cheia” que deu a ideia de fazer os Cadernos com a minha visão de forasteiro. Estão eles bem entregues para que deles construa, pedra a pedra, Cristóvão de Aguiar um

pequeno novo Vértice, a revista vanguardista da qual foi saneado injustamente em meados da década de 1980. Ao fim de dois meses de silêncio pus a minha pena de croniqueiro a funcionar e enviei-lhe a cópia desse escrito (Crónica 67) na qual exprimo com a verve de jornalista que nunca deixei de ser, o que a escrita dele (que lentamente descubro) me proporciona. Para ele, a escrita nunca será catarse pois é fruto de amores incompreendidos entre si e a ilha...enquanto para mim a escrita e os colóquios da lusofonia são a catarse constante da minha guerra colonial sem mortos nem feridos, e tampouco tiros.

Caro Amigo Chrys,

Após a longa conversa telefónica havida entre nós esta manhã, vim agora deparar com o teu texto de abertura aos Colóquios de Bragança. Como escrevi em epígrafe, é de mais! De mais, não porque considere lisonja o que escreveste sobre mim (seria uma ofensa que te fazia), mas porque tenho sido tão fustigado, aqui, na minha terra, que estava longe de pensar que ainda fosse possível a alguém dos arrabaldes de uma amizade recente, mas de uma forte empatia (um Australiano nos Açores), fazer uma análise tão séria e sábia sobre obra minha. Embora, e sem desprimor para quem a elaborou, a considere muito para além das minhas capacidades de escritor. Como o padre no Ofertório, digo-te: Senhor, non sum dignus!

De há uns tempos para cá, porém, tudo se tem passado como se uma varinha-de-condão estivesse a tocar-me no destino. E esses tempos para cá, é bom concretizá-lo, têm um ponto de partida: os Colóquios realizados na Lagoa em março - abril do corrente. Lá encontrei, contra todas as minhas expectativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à-vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual...

Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desvenenar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Será este o ano da minha morte? Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos a atravessar em correria a estrada do mato.

Um forte abraço do Cristóvão

Ao que respondi como segue:

Cheguei agora da praia (Moinhos), a favorita entre todas as parcas nesgas de areia da ilha (Pópulo e Milícias desgostam-me ambas pelos nomes pejados de democracia malcheirosa). Perdão, que alguém ao ler estas linhas (agora que o governo guarda todas as nossas mensagens, nunca se sabe a que mãos isto irá parar) pode pensar que não perfilho dum amor doentio pela democracia.

Mentiria se não o afirmasse aqui, só que esta democracia à portuguesa é tão triste e pequenina como o país. Sinto saudades de democracias grandes (como a australiana) e de países desse tamanho...

Nunca digas que é demais, pois nunca o será demais enquanto escrever o que penso e sinto, e não ando a fazer favores a ninguém. Não é por minha culpa que os açorianos são uns nabos iletrados ao não te apreciarem, nem tampouco me culpem por serem os portugueses como são. Limito-me (dentro das modestas ambições e inúmeras limitações dos colóquios) a fazer o que as secretarias, as fundações, academias e ministérios da cultura há muito deveriam ter feito. Não nutro sonhos políticos aqui ou em qualquer outro torrão terreno, só escrevo o que penso e sinto. Aliás, sempre o fiz, o que me valeu suspensões sem conta em Timor e no resto do mundo, da Lusa ao Público que ajudei a nascer. Deixa-nos ser (eu, Rosário [Girão], Zélia [Borges] e outros/as) a tua varinha mágica.

E afinal têm sido comunistas alguns dos meus melhores amigos, (e tanto quanto sei) sem comerem criancinhas ao pequeno-almoço. Já a minha melhor amiga jornalista australiana, a Zoe Reynolds, era militante dum partido ilegal (lá no meu país) o ACP traduzido como PCA. A amiga da minha mãe da ANI (agência nacional de informação) salazarenta arranjou forma de o meu primeiro livro de poesia sair em 1972, com 32 páginas depois de terem cortado as que faltam para as 100 e era membro do PCP na clandestinidade, bem como o marido que prefaciou esse devaneio juvenil.

Nunca deixei que a política interferisse nos meus amores e leituras: nos nossos colóquios, o Presidente da Câmara da Lagoa é PS (nos colóquios da Ribeira Grande, idem), em Bragança (nos colóquios metropolitanos) é do PSD...tenho na família todas as cores do espetro, até votei Otelo e UDP no verão quente do meu descontentamento, deixei os maoismos quando vi a China por dentro, encaminhei livros e teorias aos aprendizes da Fretilin e, no entanto, vivi monárquico antes da entrada na Uni, antes me manifestar contra a guerra colonial e organizar coisas com Zeca Afonso, Mário Viegas e outros... Sou um arco-íris descolorado politicamente. Tinha razão Adriano Moreira, sou um poeta, antes disso que pateta e continuo ateu na minha espiritualidade sem deuses, com laivos de anticlericalismo eivados de Debates do Cenáculo. À moda do fim do século 19. Uma perfeita contradição totalmente coerente. Descansa em paz e em vida. Este não é o ano da tua morte, mas do teu renascimento como Pessoa que Escritor já o és sem o saberes, há muito...

Abraço Chrys



Ao contrário de Cristóvão de Aguiar que já deu de caras com um leitor de livros seus em flagrante delito, nunca topei ninguém a ler-me em livro. Nem sei como reagiria! Talvez fosse lá, com a sofreguidão de um putito excitado, oferecer um autógrafa. Será por ter poucos livros, decerto, mas se bem que esse encontro de terceiro grau ainda não se tenha verificado, recebi hoje uma crítica literária a sério de uma leitora (de

novo a Rosário) que escarpelizou os meus escritos encontrando coisas que lá plantei e germinaram em flores por mim desconhecidas e agradei-lhe a imerecida exegese. Tanto mais que me fez sentir inadequado e sofrido como nunca. Enfim, estes escritores do Daniel de Sá ao Cristóvão e ao Onésimo estão a despertar em mim o bichinho larvar que se aminhoca nos dedos e no teclado e começa como ténia a sugar as vitalidades escritas que surgem espontâneas como plantas daninhas no meu quintal.

Caros amigos Rosário e Manuel

Ignorante já sabia que era, mas tanto nunca imaginei, depois de ler este trabalho onde se discorre longamente de um autor que eu gostava imenso de conhecer, pois deve ser deveras interessante. Quem ouvir esta prédica pensa que está diante de uma opus magnum como lhe chamou a Anna Kalewska. Apenas labutei para encontrar um estilo narrativo com o qual me identificasse e nunca pretendi mais do que partilhar vivências e experiências, conhecimentos avulsos e a granel armazenados no grande celeiro da memória.

Que tivessem utilidade e não estiolassem no desinteresse de leitura dos meus filhos. Agora sei que houve uma pessoa que se deu ao labor de ler esta resenha de muitas vidas pelas quais passei como passageiro incómodo que nunca incomodado. Nada mais tenho a dizer que nestas coisas aprendo devagarosamente mesteres de artes que não as minhas. Ao ler esta análise, sinto-me como o parolo pintor de naturezas mortas com sentimento artístico, que se depara com a Capela Sistina e sabe nesse instante que nunca será um Da Vinci.

Apetece-me reescrever um velho poema da década de 70

469.1 LE POISON D'AVRIL

(hoje, todos os jornais cumpriram
nem uma só mentira se imprimiu

era a verdade toda
a do sonho não vivido
talvez possível
em letras garrafais
- HOJE DIA NACIONAL DE ENGANOS É LÍCITO DIZER A VERDADE -
proclamava o editorial)
a duas colunas no canto esquerdo
a páginas quinze
era minha a foto e o nome
nem me impressionou!
ri mesmo com desprendimento
negra cruz encimava frontispício
dizeres os do costume
a missa presente no corpo do finado
hora a habitual
na residência
o féretro saíria para jazigo familiar
lembram-se de cada!

(claro que me importei quando o padre disse
que ELE me chamara à sua presença)
todos compungidos
choravam rezas e eulogias
vestiam negro
exceto as flores
e as palavras vazias

adivinei um sorriso dissimulado
nos lábios da viúva
andei por aqui e ali
ouvindo este e aquele
pediam à minha alma
que os libertasse
queriam alívio
disfarcei-me por entre sombrias colunatas
e fugi

(ainda hoje me procuram!)

Dei comigo a sorrir, facto inusitado e deveras inopinado. Encontro tanto sofrimento na escrita do Cristóvão que me apetece cruzar este Mar Oceano e ir ter com ele ao Pico consolar as suas velhas penas. Durante quarenta e cinco anos sofri calado, ou nem tanto, escrevi para a gaveta dores e amores, raivas e ódios, cruzadas. Escreveria Rosário Girão:

Se o espaço múltiplo vai fazendo o homem ao longo dos tempos do Tempo, o Autor vai escrevendo o livro ao mesmo tempo que se escreve a si próprio e que escreve sobre o outro que ele também é... Tal escrita catártica (oscilando entre o passado ilusoriamente ressuscitado e o esboço do presente desatualizado) é regida quer pelo anelo de aprofundar o conhecimento do seu eu (não era "Conhece-te a ti próprio" a

divisa do templo de Delfos?), quer pela vontade de fazer um balanço de vivências transatas, estabelecendo uma ponte para projetos futuros, quer pela ânsia de vencer o tempo e de triunfar sobre a morte...

Abateu-se agora a chuva miudinha, de molha tolos, o cacimbo que veio acompanhado de nevoeiro típico desta costa sul em pleno Aquaparque da Vila (Franca do Campo) constringendo a leitura meada da Relação de Bordo II (Cristóvão de Aguiar). O filho, a mãe, a filha mais velha e a neta vieram-se postar-se debaixo do para-sol onde me encontrava há horas. Sim, que nisto de exposição solar, desde que vi amigos australianos vítimas de cancro de pele, sou um sofredor de heliofobia embora não consiga viver sem ele para a minha função clorofilina mental. Curioso, ou assaz irónico, para quem, durante anos, foi escravo do bronzeado. Em Macau, durante o inverno, usava uma lâmpada de infravermelhos para obter o efeito do bronze reacionário do Paulo Portas, esse líder político descabelado, vestido em Saville Row e com o tom de pele na moda nos anos setenta.



14.7. AS “TIAS” DOS MOINHOS, 8 AGOSTO 2009 CRÓNICA 70.

... Na Austrália trabalhei anos e anos com dezenas de pessoas e nunca soube - nem estava interessado - quais eram as suas habilitações. Aqui (Açores e Portugal) andam coladas aos dedos e à cara como se fizessem parte do Bilhete de Identidade genético. Em ocasiões destas, e em tantas outras que não apetece agora evocar, desmoralizo em total desespero, ansiando lançar os braços ao mar e nadar para a novi-ilha do Cristóvão de Aguiar e ali arribado, falar, falar até desfalecer. **Há solidões solitárias e multidões ermas**, faltam tertúlias como as que recordo dos meus anos finais do Liceu Dom Manuel II (atual Rodrigues de Freitas) e do início do percurso na faculdade de Economia do Porto. Já tivemos um arremedo de reuniões assim nas longas noites de invernia insular, aqui no bar dos Moinhos, com o Manuel Sá Couto, o Daniel de Sá, e tantos (outros e outras) que iam e vinham consoante a chuva, o frio e a humidade ilhoa que desperta essa vontade inaudita de contaminação humana.

Todos à deriva neste imenso Mar Oceano.

Não há Derrida que me salve nem Piaget que me explique.

Diz a minha mulher que sou altamente influenciável pelo que leio e já escrevo de forma diferente. Tu Daniel, tu Cristóvão, tu Rosário, tu Dias de Melo são os culpados. Acordaram um vulcão adormecido que na assinatura eletrónica assinalava, há anos, que a escrita nos Açores era piroclástica. Todos conhecemos o perigo dos vulcões endormidos. Não podem ser perturbados, tal como os ursos hibernados não podem ser molestados no seu descanso. Nunca se sabe o que podem fazer quando enraivecidos, perseguindo os humanos como se fossem presas fáceis, enquanto os vulcões derramam a lava sob a forma escrita, expelindo raivas ancestrais incontidas, sofrimentos amarfanhados, dores insofridas, paixões por materializar e tudo o mais que temporariamente calaram à espera do dia do juízo final, em que pudessem falar como se não houvesse amanhã, como se tudo tivesse de ser dito já hoje e agora, aqui, sob pena de se perder o momento, essa janela do tempo que nos permite, por meros instantes, ser quem realmente somos, sem qualquer máscara ou peia social.

14.8. DA ODE À NETA AO CENÁCULO ANTERIANO. 17 AGOSTO 09 CRÓNICA 72

Desculpa lá a intimidade, mas imagina tu, leitor anónimo, que andei mais de três meses a esforçar-me e não consegui (desisti) ler o “Homem Duplicado” de Saramago enquanto devorava os 3 livros da “Relação de Bordo” (Cristóvão de Aguiar) numa semana...ao mesmo tempo que levava a filha e a neta (Mariana de sua graça) aqui, ali, acolá, da praia à piscina e aos ananases que o tempo estava mesmo dos ditos.

...

Cristóvão de Aguiar não era um dogmático, de índole religiosa como Daniel de Sá, mas insurgia-se sempre que lia algo com que discordava e isso acontecera com um escrito da Adelaide Chichorro a que respondera como se segue:

Não há nem nunca houve língua açoriana. Açoriano é de resto um adjetivo que pouco ou nada diz. Falar açoriano não existe. Existe, sim, falar micalense, terceirense, até à consumação das nove Ilhas. Tudo quanto cá se diz tem a matriz cultural portuguesa. Só que nos Açores alguns vocábulos que se usam ainda, evoluíram no Continente ou caíram em desuso. Há dicionários portugueses que referem certos termos como brasileirismos e são açorianismos. Desde o século XVII houve alguma emigração das Ilhas para lá. No fundo, o falar castiço das Ilhas e do Brasil mais não é do que o Português de Quinhentos que por cá e por lá ficou conservado, como carne em salgadeira. Tal como em Bragança, Alentejo, Algarve, quando as distâncias eram longas e os povos viviam isolados. Agora, não! Dou um exemplo de uma palavra: vexado. Em S. Miguel, depois de alguém se empanturrar com um bom almoço ou jantar diz: estou vexado, que, no sentido físico, significa cheio, repleto. A palavra evoluiu, no Continente, para o sentido psicológico. Em S. Miguel, e não sei se se em outras ilhas, evoluiu muito mais tarde. No sentido psicológico sempre existiu vexame. Aquele casamento foi um grande vexame para a família do noivo...Aferventar, meu Deus, é uma palavra mais-que-comum. Mas sopas aferventadas já se não devem confeccionar há muito, sobretudo em Lisboa, capital de onde tem saído as grandes desgraças para a Língua Portuguesa...

Era disto que gostava, da esgrima palavrosa entre seres inteligentes, quem sabe se o Colóquio da Lusofonia não teria saudades das Conferências do Casino e do “Cenáculo” onde pontificou Antero.



...

14 junho 2011-06-14

Naufraquei

Na ilha

Acordei

Sem saber onde

Quem sou?

De onde vim?

Para onde vou?

Foi então que vi os livros do Cristóvão de Aguiar na casa em São Miguel Arcanjo a fugirem a sete pés da sua falsa. Que se passaria? Ele não estava lá e os livros fugiam em correria desenfreada rumo às Poças onde costumava tomar o seu banho matinal. Seria isto que acontecia aos livros quando ele não estava na ilha? Porque fugiam? De quem fugiam? Há quem diga que a infância infernizada do Cristóvão se encarregou de geneticamente o levar a hereditarizar nos que o rodeiam. Dizem que ele é o exemplo vivo do inferno na terra, para ele e para os que se dele se acercam. Eu não sei se seria por isso que os livros debandavam? De repente apercebi-me de que os livros em fuga eram os que escrevera, os dos outros autores andavam numa roda-viva, em acesa discussão sobre quem era o mais açoriano e o melhor representante da açorianidade. Afinal, as tertúlias que tivera em sua casa no ano de 2009 haviam passado para os livros que decoravam - como se de mobílias se tratasse - a sua falsa no Pico.

Era o exemplo mais vivo do que são as personalidades açorianas que escrevem livros. Apresentam a fachada manuelina, bem compostinha embora, nalguns casos, se notem as fissuras da idade naqueles rostos martelados na pedra. Aprenderam com os estrangeiros a comportarem-se para ocultarem a terrível herança feudal que os condiciona ainda hoje, mas quando o verniz estala tudo vem à tona. É uma canga pesada para que se libertem em apenas três décadas desde que a democracia voltou. Ocupam as cores do arco-íris nos quadrantes políticos e dizem-se todos - mesmo todos - muitos amigos, uns dos outros. Dificilmente se toleram fora das cliques onde pontificam e se as não tem a sobrevivência como escritores está quase irremediavelmente comprometida e condenada ao fracasso.

15.6. DIÁLOGOS INACABADOS COM O CRISTÓVÃO 2010

Escrever é fácil: comece com uma maiúscula e termine com um ponto final. No meio, coloque ideias. (Pablo Neruda)

Isto de literaturas açorianas tem muito que se lhe diga e não pretendo entrar em discursividades nem dissecar os ódios e amores transientes que unem e separam os autores, pois isso daria material para vários volumes, mas recordo trocas de impressões nos últimos meses, com o mercurial Cristóvão de Aguiar:

From: Cristóvão Aguiar Sent: Wednesday, September 08, 2010 11:03 AM
To: Chrys Chrystello Subject: OBRIGADO!

Caro Chrys:

Mas eu já não faço anos... Ainda para cúmulo setenta ou zero sete, que é mais agradável e me dá a possibilidade de entrar para a escola em outubro para fazer uma revisão geral da vida que me foi dado. Muito grato, gratíssimo, pela tua lembrança. O septuagenário chama-se Luís, o Cristóvão não cuida desses pormenores do tempo que passa, só daquele que amolece os miolos quando a humidade aperta o garrote. Um grande abraço extensivo a todos vós do Cristóvão



From: Cristóvão Sent: Friday, September 24, 2010 2:34 PM
To: Chrys Subject: AÇORIANICES

Meu Caro:

De facto, é tal a pobreza, que vou pôr pólvora no lume, se estiveres de acordo, com dois artigos publicados no Expresso das Nove, o último dos quais hoje, que me foram pedidos pelo Diretor Jorge Brum. Ambos, como poderás verificar são de temática "açoriana".

Abraço Cristóvão

Desafios dos Açores para o século XXI, Cristóvão de Aguiar

"A atitude radical do ilhéu é chegar à porta de casa e interrogar o mar". Vitorino Nemésio, in Corsário das Ilhas. "Como nada sei sobre o assunto proposto, vou fazer uma composição sobre a primavera". Aluno liceal numa prova escrita de Língua Portuguesa. Muito gosto eu de desafios! Quem me tira um tira-me o mar e tudo! Não sei se o Arquipélago gosta deles. É natural que sim. Pelo menos, as cantigas ao desafio têm sido timbre de qualidade da cultura popular das Ilhas todas. A Terceira e São Miguel levam-lhes as lampas. O velho Virgínio da Bretanha; o Pereira, da antiga Lomba de Santa Bárbara, da Ribeira Grande; a Turlu e o José da Lata, da Terceira, foram dos melhores cultores do despique entoado no terreiro das cantigas ou nas cantigas de terreiro. Devo ter deixado dezenas e dezenas na sombra... A omissão é filha legítima da minha ignorância. Para ela, peço uma indulgência plenária...

Sai o primeiro cantador, o Virgínio, e entoa:

*"Entre merda foste nascido /
E na merda foste gerado /
Muita merda tens comido /
E dela toda tens gostado..."*

E o Pereira, da Lomba de Santa Bárbara:

*"Ainda me chamas galo, /
Desses que andam pela rua /
Já me viste a cavalo /
Nalguma galinha tua?"*

Da Turlu, que, in illo tempore, ouvi despicar, boquiaberto, tamanho o aguçamento de língua e o seu poder criativo, estas duas cantigas:

*"A felicidade vagueia, /
Fumo que passa veloz, /
Está sempre na nossa ideia /
E tão distante de nós..." e
"A minha língua é comprida, /
O que diz não te convém... /
E a tua está torcida /
Por isso não fala bem..."*

A seguir, entra José da Lata e canta:

*"Deitei uma velha em choco, /
Dentro de um cesto de palha, /
Lá na Canada das Vinhas. //
Descascou-me vinte ratas, /
Cinquenta e duas patas /
E trinta e cinco doninhas. //
Tinha pombas e coelhos, /
Melros pretos e tentilhões, /
Uma porca com cabritos /
E uma cabra com leitões."*

Quando há tempos recebi este desafio, por via eletrónica, para ser resolvido por escrito, em três mil caracteres, sem espaços – logo me ocorreu *Frei João Sem Cuidados...* O seu Rei era invejoso e não podia ver nenhum dos seus Súditos sem arrelias e apoquentações. Chamou um dia Frei João ao Palácio e fez-lhe três perguntas embaraçosas para serem respondidas num dado prazo. O frade saiu do Palácio real acabrunhado e cabisbaixo. Se respondesse errado, o Rei mandava-o matar... Por acaso, o moleiro do reino encontrou Frei João muito triste. Vivo e fino como azogue, logo se prontificou, depois de saber as perguntas, a apresentar-se ao Rei vestido com o hábito de Frei João. Respondeu às três perguntas como era dado, de tal sorte que Sua Majestade ficou toda contente e mandou o moleiro na paz do Senhor! Com que se entretinham os Reis de algum tempo!

Ora, este humilde escriba acocorado não tem moleiro para quem apelar! Nem moleiros existem já – os últimos que conheci iam da freguesia para a Ribeira Grande moer a moenda nos moinhos de água da ribeira, já não sei se a do Paraíso se a do Inferno... Três vezes por semana, com cães velhos e doentes amarrados ao eixo da carroça para serem lançados à Tarpeia ribeiragrandense...

Caso os houvesse ainda, qual deles seria capaz de responder direito a um século pejadinho de desafios? É muito desafio numa só molhada de brócolos! Mas há um enorme desafio já proposto às Ilhas do Grupo Central, lançado não há grande tempo pelo eterno candidato à liderança do PSD, Castanheira Barros. Andou em digressão turístico-eleitoral por aquelas Ilhas sem culpa da criatividade do social-democrata relapso. Prometeu mandar construir túneis entre o Pico e São Jorge e entre a Madalena e a Horta. O ovo do Colombo, que resolveria a insularidade de uma assentada. Em estando a obra feita e inaugurada, sempre que um ilhéu radical chegar à porta de casa para interrogar o mar, ficará menente e sem pé dentro de si: em vez de indagar o monstro de água, para ir à pesca ou contemplar a Ilha em frente para lhe sondar os ventos e as nuvens, meter-se-á logo a caminho da emigração, a cavalo no automóvel ou na camioneta da carreira... Um Metro de Superfície, como o que está sendo construído em Coimbra, ficaria muito mais em conta, podendo estender-se às Flores-Corvo, à Graciosa-São Jorge-Terceira, que também são filhos e filhas do mesmo magma... Quanto a São Miguel-Santa Maria... Aqui, sim, um túnel tipo Canal da Mancha, mas em formato maior, que os micalenses são assoprados e amantes fidelíssimos da monumentalidade... Já excedi o número de caracteres. Que o Eduardo Brum se não afromente, me perdoe a incontinência, e aceite os parabéns deste ilhéu desilhado, que muita lenha apanhou nas páginas do ora aniversariante

Expresso das Nove.... Pois alevá! Coimbra, 30 de janeiro de 2010 (EXPRESSO DAS NOVE, fevº 2010)



A desunião faz a força, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, Escritor

A descontinuidade geográfica das nove Ilhas dos Açores, que só formam um Arquipélago nos compêndios liceais (agora secundários ou secundarizados) de Geografia Física (a Humana não conta nem poderia contar, visto serem muito sortidas as gentes que as povoaram, deixando fortes marcas de origem, ainda bem visíveis, sobretudo no vocabulário) – talvez seja uma das razões de uma congregação mais fictícia do que real.

Cada Ilha, quer queiramos quer não, constitui um mundo à parte, daí a quase impotência de se erigir um reino, com estandarte, bandeira, hino condicente e outras quinquilharias realengas, e sobretudo encontrar um monarca que incarnasse os valores e aspirações do povo das nove ilhas atlânticas. Um rei não seria muito difícil de conseguir (elegê-lo, não: há tanto sangue real escorrendo nas veias de micalenses e terceirenses – um desperdício para tantos hospitais carentes – que, espontaneamente, surgiriam meia dúzia, ou mais, de candidatos à sucessão do último Rei de Bragança...).

Depressa, porém, erguer-se-ia um grande alevante no peito robusto e aleitado da nobreza local, e não duvido de que as Ilhas acabariam por alombar com uma monarquia dual, com obediências diferentes, como na maçonaria, que as tem, e várias, o que acarretaria grande dispêndio para o erário público... Não gosto da palavra unidade, conotada com uniformidade e com quartel, o que, para o caso, não conviria muito, embora não raro um ilhéu viva confinado a um desses cativeiros, que uma Ilha, como todos nós sabemos, é ao mesmo tempo uma prisão e uma livre extensão de horizontes que estimula a viagem e a aventura. Ou a emigração por causas outras, que agora não vêm a talho de podão.

Preferia uma república a uma monarquia. Além de se estar celebrando o centenário da República Portuguesa, as das Ilhas seriam uma grande achega para os festejos populares... E, como o Presidente da República, no dia da sua eleição costuma proclamar, do alto da sacada de um Hotel: "Serei o Presidente de todos os Portugueses, quer vós tivésseis ou não metido na racha da urna o boletim de voto a meu favor ou desfavor...", ter-se-ia, então, nas Ilhas, um homem só e sólido ao leme das nove barcaças...

Mas, a República, nas Ilhas, daria azo a graves problemas. Teria de haver várias repúblicas independentes, tirante a do Corvo, que ficaria agregada à das Flores, a de Santa Maria à de São Miguel, a da Graciosa e o Ilhéu das Cabras à Ilha Terceira: caso contrário, os distúrbios sociais seriam inevitáveis... Mesmo assim, muita cautela com os Corvinos, Marienses e Cabréus...

Por outro lado, e há sempre um pozinho positivo em todas as controvérsias, deixava-se o sangue azul a coalhar, para alguma necessidade imprevista, num boião, onde in illo tempore se conservavam os chouriços e os torresmos em banha de porco legítima...

Creio firme e finalmente que só a SATA continuará sendo a grande esperança da pátria açoriana, como escreveu o poeta Pedro da Silveira, que Deus tenha, uma vez que, no seu monopólio quase milenar, consegue construir uma resistente ponte de união entre ilhas... A única e ténue ideia de Arquipélago pode ser averiguada in loco, e em parte, no Grupo Central, daí ter o ex-candidato a líder do PSD prometido, se fosse eleito, a construção de pontes para a outra margem... O Ovo de Colombo, que ninguém se dispôs a estrelar... EXPRESSO DAS NOVE, 24 de setembro de 2010

From: Cristóvão Aguiar Sent: Wednesday, November 10, 2010 3:59 PM

To: Chrys Subject: Re: Fernando Aires Diarista

Caro Chrys:



From: Cristóvão

Sent: Wednesday, February 02, 2011 7:51 PM

Subject: CARTA A FERNANDO AIRES

Eis uma carta que enviei ao Fernando Aires, aquando da publicação do livro de correspondência entre Eduíno de Jesus e Armando Côrtes-Rodrigues, e que mereceu da parte do Vamberto o galardão de livro do ano, da Livraria Solmar:

São Miguel Arcanjo, Ilha do Pico, 23 de março de 2003

Meu Caro Fernando Aires:

Como se pode verificar pelo cabeçalho, encontro-me no meu paraíso privado. Ainda não morri, mas... Aqui cheguei há mais de dez dias, parto a 31 do corrente, e pouco ou nada tenho saído. Não por causa do tempo (até tem feito dias primaveris), mas especialmente por ser tão aconchegada a minha casa, tão aquecida de livros e de paisagem, que pecado seria deixá-la assim tão sozinha e ao abandono de si mesma. Tenho andado a ler e a escrever, sobretudo a ler, pela segunda vez (li o prefácio para aí três), a Correspondência entre Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus, organizada e prefaciada por ti e que fizeste o favor de me enviar para Coimbra ainda não há grande tempo. Agradeço-te do coração a oferta bem como o autógrafo em que envolvesse também a Margarida, o que bastante a sensibilizou, e que me pediu para te agradecer a lembrança. Já havia tido oportunidade de ler o livro antes de mo enviáres. O José Manuel Mota de Sousa emprestara-mo e um pouco mais tarde recebia eu um exemplar que pedira à Conceição Garcia para que me mandasse da Ilha. Logo na primeira leitura verifiquei que todo o livro estava inchado de gralhas e de uma chusma de erros ortográficos (quase não há página em que não surjam), que não só o desfeiam como abona muito pouco acerca dos dois correspondentes, ambos professores exigentes de Língua Portuguesa e bons cultores da escrita, e de ti também, que és formado em Letras e igualmente escritor. Logo transmiti a minha impressão ao nosso amigo comum que me confirmou o desastre depois de ler o livro.

Como o exemplar me não pertencia, coibi-me de apontar, nas margens, a lápis ou a esferográfica, as incorreções. Mas, e logo que recebi o teu exemplar, pensei em trazê-lo comigo para a Ilha do Pico. Mal cá cheguei, tratei de pôr mãos a uma segunda leitura, desta feita de lápis na mão, que não seria delicado nem curial da minha parte escrever-te a dizer apenas que recebera o livro, o ia ler com muito interesse, te agradecia a lembrança e a dedicatória; enfim, essas coisas que muitos usam escreverem para não parecerem mal-educados, nem literária nem socialmente incorretos. Sabes bem que não tenho, e espero nunca vir a ter, feito para tais duplicidades e dissimulações. Ora, em literatura, a hipocrisia e o porreirismo têm sempre um preço muito elevado, embora, momentaneamente, possam servir de escudo a quem se não queira incomodar ou ficar mal visto ou ainda recear ser impiedosamente segregado do grémio dos eleitos não sei bem de quê, nem porquê. Concluí a leitura ontem à tarde. Melhor, quedei-me na página 313, que um leitor engatilhado de atenção não é feito de ferro. E o resultado está à vista: nove páginas A4 de gralhas e erros ortográficos (não só os registei no exemplar como os passei para um papel à parte, indicando a página), que tas poderei fornecer, se assim o achares conveniente, caso venha a fazer-se uma segunda edição, mais limpa e asseada, da Correspondência entre estes dois sobressaídos poetas açorianos.

Não posso acreditar, por exemplo, que Armando Côrtes-Rodrigues tenha escrito sugeitou, sivilizado, ageitada, remechendo, etc., (págs. 84, 85, 97, 198, respetivamente); nem que Eduíno de Jesus tenha grafado presado, concerteza, adusir, etc. (págs. 262, 287, 295, respetivamente). Se assim tivesse acontecido, tanto em um como no outro, decerto aporias [SIC] à frente de cada incorreção, o que, na verdade, aconteceu apenas oito vezes e numa delas, na pág. 282, nem sequer com razão, porque existe a palavra espécimen ou espécime. Caso contrário, os [SIC] seriam na ordem das centenas, incluindo a acentuação, sobretudo nos verbos, e a pontuação caótica. Só não poderia vir o [SIC] no texto que tu próprio escreveste. Mas aqui vão alguns exemplos: albúns, Ensaísta, chamou de (a que se chamou de (!) Circulo...), Síntaxe, cordealidade, por (verbo pôr), raíz, encadiar, etc. (págs. 15,16,18, 24, 26, 51, 56, respetivamente). E é pena! Será que nenhum dos teus amigos deu por tal? Nem o Onésimo a quem mostraste a primeira versão do prefácio, onde também se encontram muitos deslizes ortográficos? Ou tudo isso foi devido, como escreveste nos Agradecimentos, "à competência (sublinhado meu) profissional do Emanuel Cordeiro, funcionário da EGA, que passou a computador a volumosa Correspondência que agora, pela primeira vez, se torna pública?" Como as palavras se podem prostituir, se escritas sem alma! Sobre o prefácio teria muito a dizer. Ao contrário do que escreveu Tomás Borba Vieira, o prólogo está, em minha modesta opinião, muito aquém da garra do escritor dos primeiros quatro diários. Além da sua longuidão escusada, penso que te perdeste em antecipar o que as cartas dizem, beliscando assim muito do seu interesse e alguma da sua surpresa. Mas, não me vou alongar sobre este assunto... Não quero quebrar o encanto em que te encantaram os do costume. O melhor que fazes será seguir-lhes os conselhos, que tais amigos só estão bem bajulando, o que faz tão bem ao ego e tão mal ao trabalho artístico em geral e à escrita em particular. Vou concluir, pedindo-te que não interpretes mal as minhas palavras, nem as consideres esquinadas ou pouco amigas. Gostava que as interpretasses como sinal de amizade e de estima. Lembra-te de que ser-me-ia muito mais fácil dizer que escreveste uma obra-prima, ou, para citar o artigo de fundo do Suplemento Açoriano de Artes e Letras: "... Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus / Correspondência é seguramente o livro mais importante destes últimos anos para a cultura açoriana."

Seria necessária tanta incontinência? Um abraço do Cristóvão

From: Cristóvão Sent: Friday, April 01, 2011 1:58 AM

To: Chrys Subject: Boa Madrugada

Caro Chrys:

*Não sei nem me interessa saber o que irão dizer os pensadores e escritores da douta literatura açoriana ao lerem o teu segundo volume da *Crónica Açores A falares* tão insistentemente de mim e da minha escrita, hão de cogitar (desconfio que não usam fazê-lo) que és um vendido e andas a tirar das profundas um dos malditos tasmanos que estava já com a sua limpeza étnica concluída. Põe-te em guarda, companheiro, que te podem encomendar uma excomunhão ao Senhor Santo Cristo, que, segundo a tradição micalense (o Sá deve sabê-lo) é terrivelmente vingativo... Não te agradeço as apreciações que fazes da minha obra; do meu carácter, temperamento e feitio, sim, com as quais concordo, porque gostaria de ser ainda mais que assim. Quanto às apreciações que teces sobre a minha obra (presunção e água benta...), embora me sinta lisonjeado, que não sou feito de pau, nem ando de pau feito, não sou nem serei talvez capaz de ficar de mente (des)obnubilada ao lê-las em letra de forma. Não quero contrair tentações, prefiro o lugar que há anos me reservaram, e ao qual me habituei tão bem, a ficar sendo citado por bocas que não sei que águas beberam ou que instrumentos tocaram... E não te agradeço, não por má educação, que conscientemente não pratico. Mas pela razão óbvia de que o agradecimento se não enquadra em nenhum género literário, só no subgénero da etiqueta, que já se não usa, a não ser na literatura obituária. De qualquer forma, envio-te um abraço. Cristóvão de Aguiar*

From: CHRYS C Sent: Friday, April 08, 2011 10:21 AM

To: Cristóvão Subject: catarse

*Como prometi acabei agora de ler o livro com tristeza múltipla, por ele ter chegado a este fim que não o é, por entender melhor aquilo que antevira na minha interpretação de ti como pessoa, por sentir o livro mais que uma catarse como um exorcismo...tive a felicidade de ter a tal conversa com o meu pai uns anos antes de ele morrer e já fiz há muito o mesmo com a minha mãe ora com 88... Tento desesperadamente não repetir muitos dos erros do meu pai com o meu mais novo que tu conheces...mas somos a herança genética dos nossos e de nosso só sobra aquilo que nos distingue deles e que construímos com muito sangue, suor e lágrimas como diria o Churchill. Como deixei lavrado no meu *Crónica Açores 2* sobre ti...Ora bem tudo isto foi escrito anos antes deste teu livro e sinto ter-te retratado bem...a nossa amizade é bem recente, mas mais profunda do que se poderia adivinhar...quicá eu te entenda melhor do que cada um de nós sabe. Por favor dá isto a conhecer ao teu irmão por quem acabei nutrido uma enorme admiração...Aquele abraço do tamanho deste Grande Mar Oceano. Chrys quase a partir para Macau*

From: Cristóvão Sent: Friday, April 08, 2011 10:33 AM

To: Chrys Subject: Catarse, Exorcismo

Gostei muito da tua crítica e concordo contigo no que respeita ao exorcismo. O livro está sendo um êxito, pelo menos é o que me tem transmitido o editor, o Adelino de Castro, ex-sócio do inefável Madruga. Vou neste momento a caminho de Lisboa: amanhã parto para o Pico. Vou primeiro aos implantes, depois aos lançamentos, 30 no Faial, 6 de maio em Angra, 13 e 14 no Pico, 20 na Ribeira Grande, onde espero ver-te. Um abraço do Cristóvão

From: CHRYS Sent: Saturday, May 21, 2011 6:47 PM

To: Cristóvão Subject: Cristóvão de Aguiar é dragão

Gostei muito de estar contigo ontem. Foi uma alegria ver-te ali no covil do lobo em pleno concelho da Ribeira Grande com tanta gente a assistir. As tuas palavras foram emocionantes por falares de um tema que raramente se ouve naquilo que considero o maior desaforo a toda a minha geração e tua...de quem nos exigiu 3 anos de vida em troca de nada a não ser a destruição física, mental e a morte. Obrigado por te lembrares sempre de alertar as mentes esquecidas. Do livro nada digo, já to disse em ocasião anterior à ida para Macau quando o acabei de ler. Um excelente modelo de realidades, que INFELIZMENTE ainda vão sendo realidade em zonas rurais da Lomba da Maia. Uma revisita aos tempos que te moldaram, com um pai cheio de amor e não só... Também o meu, cheio de amor e sem saber como, me obrigava a ser mais do que eu podia e sem violência física, mas verbal me condicionou a vida até aos 45 embora tenha morrido quando eu tinha 42. Cada um de nós a seu modo lidou com a situação, superando-a ou não, mas obviamente marcados pelos anos de formação. Ainda hoje com o João tento desesperadamente (mas nem sempre com sucesso) evitar repetir muitos desses erros, mas sei que alguns repito. Deixo-lhe como herança alguns escritos e uma nacionalidade australiana para ele desbaratar como quiser. Tu deixas muito mais e eu, que me sinto fraternalmente ligado a ti, jamais esquecerei as excelsas noites de aprendizagem na tua casa em São Miguel Arcanjo de São Roque do Pico. Deste-me mais do que muitas pessoas em toda a minha vida e espero ter a oportunidade de um dia aprender ainda mais e absorver por osmose um pouco da tua enciclopédica sabedoria. Sinto-me irrequieto e lamento não ter menos dez anos para fazer as malas e mudar outra vez... sei bem que há momentos na vida de cada um que guardaremos e sei que o de ontem podes bem conservá-lo pelos múltiplos significados, ali tão perto do Pico da Pedra que não quebraste nem te quebrou antes te deu força para subires a outros Picos.

Aquele abraço, Chrys



15.9. DENTISTA NA PRAIA A AVIAR DOENTES CRÓNICA 108, 15 SETº 2011

Nessa tarde não resisti e voltei aos Moinhos, já com meia centena de banhistas. A minha leitura, iniciada esta manhã no mesmo local, foi interrompida pelo tonitruante som do vozear de um senhor atarracado, de cabelo curto, alourado, acompanhado de uma jovem com tranças, de 4 ou 5 anos, permitindo as

habituais conjecturas sobre se seria pai solteiro, viúvo, divorciado ou meramente um pai que foi com a filha à praia enquanto a mulher foi ao cabeleireiro ou às compras. O senhor que se sentara na mesa ao lado, debatia-se freneticamente com dois telemóveis e não se coibia de receitar Nimed e Amoxil a um pobre senhor Joaquim, do Porto, a quem fizera uma intervenção cirúrgica dentária há meses e que obviamente manifestava uma infeção no maxilar donde lhe extraíra os dentes. Sem dúvida que a memória desses dentes voltara para o assombrar e atormentar esta tarde, em pleno gozo das suas - crê-se que merecidas - férias numa soalheira tarde na esplanada dos Moinhos. Há dentes assim, depois de retirados do maxilar, ficam com saudades e querem voltar para assombrar o dono do maxilar. Poderia ser este o caso. Ouvia-se falar de troca de receitas, medicamentos retirados de circulação, e recomendações de antibióticos sem recorrer à penicilina e sem descurar a cortisona a que o doente podia ser alérgico, mas não era, dado que já lhe receitara antes.

O - possivelmente ilustre veraneante - médico dentista e cirurgião, em férias, ali na esplanada dos Moinhos de Porto Formoso, impotente, com dois telemóveis nas orelhas a falar, ora com o doente, ora com o protésico, ora com a sua secretária para que esta marcasse a consulta de urgência ao senhor Joaquim para o seu colega que ficara de serviço, deixava a pequena lambuzar-se de gelado, sem notar que o mesmo se derretia e ia escorrendo para o fato de banho. E eu em busca de sossego e do marulhar dei comigo a pensar na saga dentária do Cristóvão de Aguiar que quisera poupar e fora ao Pico tirar os dentes. Também teve problemas com o maxilar, teve de fazer um enxerto de osso do íliaco, mas apanhou uma infeção, com enorme hematoma, que o pôs numa cadeira de rodas durante meses, a mastigar papas de bebé, sem dentes, sem poder caminhar e a gastar muito mais em médicos, clínicas. Depois, teve de contratar um advogado para intentar uma ação contra o afamado cirurgião dentista, formado em Paris, a quem atribuía a sequência de males de que padecera durante longos meses. Acalentei secretamente a esperança de ser o mesmo dentista, o que tornaria a crónica mais interessante pela coincidência (que como sabem, não existem, mas têm causas matematicamente prováveis), mas tive de me contentar com a atrás narrada cena. O Português Contrabandista de J. Martins Garcia a piscar-me o olho e eu sem o poder desfrutar numa leitura de remanso nesta manhã. Terei de regressar em mais idílico momento, pois há pessoas que usam o telefone móvel como um megafone para que todos se inteirem das conversas em direto e ao vivo, como se a alguém pudessem interessar. É pena não haver um padrão universal para telemóveis, poderia ter emprestado os auriculares... Esta ilha é linda, mas digo-vos do outro lado só há mar....

15.13. ILHA DA AUTONOMIA, 6 JUNHO 2012



Em tempos, o açoriano expatriado nos EUA, Manuel Leal escreveu:

“A revolução açoriana vem-se mostrando à janela há séculos.

Nunca teve uma face persuasiva.

Não a possui em ideologia, embora exista quem assim apregoa.

Fazem-no nos cafés, numa elite dentro da ilha e sem eco.

A revolução à mesa do café não chega a parte nenhuma”.

Se preferissem a emancipação total poderia ser tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou da Ossétia do Sul. Cristóvão de Aguiar aventava que teriam de ser nove as independências. Opino que talvez quatro bastassem: S. Miguel e a colónia de Santa Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a colónia do Pico e, por fim as Flores e a ilha adjacente Corvo. Podiam considerar as possessões ultramarinas como Toronto, Nova Bedford, Santa Catarina e outras tantas que por aí há. Chegou o tempo de o povo demonstrar capacidade identitária e poder de intervenção perante um país encafuado em Lisboa e submisso perante a omnipresente Europa, onde funcionários não-eleitos usam a tirania dominadora que julga os cidadãos como números, para estabilizar orçamentos. A emancipação autonómica tem de vir sem macrocefalias nem subalternidade. Um governo regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira emancipação sem se arvorar em defensor dos interesses dos

que sempre exploraram os ilhéus, sombrias e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas pequenos e isolados. Limitados como as ilhas e o país.

A autonomia vive-se em círculos muito circunscritos, em escritores e “expatriados”. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da “elite esclarecida” (à falta de melhor adjetivação). Haverá mesmo elites pensantes para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890. Nos Açores, compete aos mestres da palavra indoutrinarem e apontarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, granjeando a independência. Com a sagesa da sua açorianidade sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.



17.6. DA INGRATIDÃO E DA LITERATURA, CRISTÓVÃO DE AGUIAR UMA CRÓNICA AMARGA. UMA VERGONHA - CRÓNICA 149 - PONTA DELGADA 16/6/2015

Em 15/6/2015 na apresentação, pela diretora da Biblioteca Municipal de Ponta Delgada e pelo Dr Carlos Riley da Universidade dos Açores, dos dois primeiros volumes das obras completas de Cristóvão de Aguiar (50 anos de vida literária) éramos 10 na assistência e 2 eram do governo...há um mês houve uma sessão de homenagem com casa cheia (18 de abril na Casa Museu Guerra Junqueiro, Porto), em colaboração com a Casa dos Açores e com o Dept.º de Letras da Universidade do Minho onde lançaste a Obra Completa, composta por 13 volumes, a cargo das Edições Afrontamento, do Porto, que ganharam o concurso lançado pelo Governo Regional dos Açores.

Sei que tu, Cristóvão, um dos dois insignes autores do Pico da Pedra, tens fama de ser um autor difícil. Claro que és, pois poucos dominam a língua portuguesa como tu, poucos burilam a palavra até à exaustão e perfeição como insistes em fazer. Sei que a maioria das pessoas - embora possa cantarolar a popular Naufrágio imortalizada por Duarte e Ciríaco - desconhece que a clássica letra dessa canção universal é bem tua.

Cristóvão “é um autor difícil e o seu mau feito é conhecido. Claro que sim, frontal e crítico, não entrou, nem quis, em cliques, clagues ou pseudo-tertúlias de intelectuais açorianos.”

Radicado em Coimbra desde os anos de 1960, antes de ser incorporado no exército colonial português para ir para a Guiné e de terminar os estudos em Filologia Germânica, Cristóvão mudou-se para o Pico onde passa metade do ano. Em vez de voltar ao torrão natal de Pico da Pedra, S Miguel foi em 1996 para S. Miguel Arcanjo [Pico], onde é carinhosamente tratado pelos seus novos conterrâneos. Mas depois de 15/6/2015, estarei para sempre chocado e desiludido com Ponta Delgada. Como se compreende que a oportunidade de terçar palavras com um dos mais importantes escritores do século XX ficasse desaproveitada sem assistência nem interesse das pessoas da ilha? Como se entende que um dos mais ricos e prolíficos autores da verdadeira identidade dos Açores ficasse a celebrar os seus 50 anos de vida literária para uma plateia com uma mão cheia de presenças?

Claro está que depois, na tua morte, serás aclamado e a TV e rádio estarão lá para falar de ti, o autor que - como ficou demonstrado - não é benquisto na sua terra. Pequenez de mentes. Insensibilidade, incultura. País pequeno de mentes pequenas, arquipélago ingrato a quem tanto fez para dar a conhecer a identidade açoriana e não o postal ilustrado que se vende aos turistas sobre hortênsias e lagoas...Não fiquei surpreendido, mas fiquei esclarecido sobre o valor que este país dá a um dos mais representativos ícones literários...fosse um cantor pimba ou qualquer personalidade famosa pelos pés de barro de fama fácil e o anfiteatro seria pequeno. Não sendo escritor, sou como tu, Cristóvão, em muita coisa, mas ontem ao despedir-me rapidamente de ti, estava emocionado pela amizade que nos une e

envergonhado dos concidadãos desta ilha que aceitei como nova pátria. Queria pedir-te desculpa em nome dos 68 748 habitantes de Ponta Delgada e dos restantes 137 699 cidadãos da ilha (Censo 2011). Queria dizer-te que não é verdade, que há quem te leia e ama os teus escritos, mas não estavam lá para to demonstrar. Queria dizer-te que escreves melhor que muitos adulados, lisonjeados, sabujados, louvaminhados, engraxados, incensados, engomados, apajeados¹ bajoujados, escribas de Portugal e do arquipélago, mas só gerações futuras saberão reconhecer o teu valor. Queria dizer-te que mereces muitos dos prémios que são anualmente distribuídos embora deles não precises. Queria dizer-te que nos Colóquios da Lusofonia somos poucos, mas muitos te apreciam e entendem, mas não estavam lá ontem para to demonstrarem. Queria dizer-te que o teu invejável percurso nestas cinco décadas de escrita não tem paralelo, mas lá estaria eu a adjetivar-te e tu não gostas disso. Não faz mal, sem menosprezo dos restantes, há quem possa afirmar que és um dos mais notáveis escritores em português da segunda metade do século XX e que soubeste transmitir (mesmo negando a açorianidade) a verdadeira alma micaelense e quiçá açoriana. Bem hajas meu amigo pelos livros que nos deste e de que agora compilaram em Obras Completas estes dois volumes. A tua alma mater (Universidade de Coimbra) explica que “[Cristóvão de Aguiar] ...tem-se revelado um escritor de mérito, a avaliar pelos prémios recebidos: Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa, pela "Raiz Comovida"; Grande Prémio da Literatura Biográfica APE, pela "Relação de Bordo" e o Prémio Nacional Miguel Torga, pelo livro "Trasfega".”



Para que não restem dúvidas foste ilustre membro da “República de Estudantes de Coimbra” em cuja página se lê:

A Real República Corsários das Ilhas fundada em 1960 por iniciativa de estudantes provenientes do arquipélago dos Açores. Nos seus 41 anos de viagens a «nau corsária» já albergou marinagem que se mostrou distinta. A título de exemplo, cite-se o nome de Carlos Candal; eurodeputado socialista era, em 1962, durante a grave crise que assolou a universidade, presidente da Associação Académica de Coimbra. Ainda, durante a crise académica de 1972, destaca-se Carlos Fraião; este antigo corsário foi membro do Comité Central do Partido Comunista Português. Também Germano de Sousa, Bastonário da Ordem dos Médicos e Cristóvão de Aguiar, escritor, viveram nesta República. Por falar neste escritor, o zé manuel deixou um comentário na anterior versão desta página que reescreve um passo do Relação de Bordo (1964-1988), livro do referido Cristóvão de Aguiar, em que lança um olhar sobre as suas experiências nesta casa quando por cá passou nos anos 60:

Coimbra, 1 de janeiro de 1964 – Na Real República Corsários das Ilhas, a cuja tripulação venho pertencendo desde 1961 (em outubro ascendi a 2º telegrafista), a passagem de ano foi, para mim, pavorosamente triste! De resto, nunca fui de grandes expansões nessas horas que a tradição instituiu como marcos de viragem não se sabe bem de quê. Alheio ao natural estardalhaço dos meus camaradas co-repúblicos, bem comidos e muito mais bem bebidos, encafuei-me no meu cantinho a ruminar. É que 1964 vai ser o ano em que vou dizer adeus à vida de estudante (para sempre? e ela agora que me estava correndo tão bem: no terceiro ano sem nenhuma cadeira atrasada, mas é sempre assim). Isto porque já no próximo dia vinte e sete do corrente, numa segunda-feira logo de manhã, vou iniciar em Mafra o Curso de Oficiais Milicianos, com destino marcado para a guerra colonial. Da guia de marcha que recebi há dias, não esse destino, mas outro que vai de certeza desembocar naquele. Por isso, logo ao bater da primeira badalada da meia-noite no relógio da torre da Universidade, senti que me estava afundando em terreno pouco firme e lodoso. Cheguei da Ilha em finais de setembro com uma mala na mão e sem dinheiro com que mandar cantar um cego, quanto mais para continuar os estudos. Havia justamente perdido a bolsa da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada, novecentos escudos mensais, mas que me davam, resvês, para me ir sustentando em Coimbra. E perdi-a, não porque chumbasse, mas por não ter atingido a nota final de catorze valores, classificação exigida a partir do segundo ano até o final do curso para a manutenção da referida bolsa.

Podia ter pedido dinheiro emprestado, a juro de dez por cento, como é costume lá na minha freguesia, mas meu Pai zangou-se comigo devido a um namoro reatado que ele não queria, derriço que, uma semana após a minha chegada a Coimbra, se desmanchou na segura de meia dúzia de linhas de uma carta, que me acompanha, na carteira, dobrada em quatro, as dobras delidas e enferrujadas... Por tal motivo, negou-se a ser minha fiança. Perdi a cabeça e pedi que me antecipassem a incorporação! Veja-se o paradoxo: em tempo de guerra ser meio voluntário, eu que, se tivesse coragem e juízo, devia, mas era desertar daqui para fora. Na Ilha não queria ficar. Minha tia Lurdes e o Ti José da Costa deram-me coragem e o dinheiro para a passagem de barco e ainda mais algum para me ir tentando. Cheguei à República e logo pus os meus companheiros ao par da minha situação. Houve reunião de casa à noite e ficou decidido, por unanimidade, que eu ficaria lá na mesma com todas as prerrogativas de um Corsário e só pagaria as minhas despesas, que seriam apontadas pelo Comissário de Bordo da Nau Corsária, quando recebesse os primeiros ordenados de aspirante. Eram apenas quatro meses que ficaria a dever, de outubro a janeiro, que orçariam em cerca de três contos de réis.

¹ *a-pa-je-ar - verbo transitivo, 1. Acompanhar (como pajem).2. Lisonjear, adular."Apajeados", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,*

Depois, quando viesse de Mafra passar os fins de semana, andaria à lebre, como se diz em linguagem académica. Suspirei de alívio e comovi-me com tamanho companheirismo de que poucos como os ilhéus, fora das Ilhas, são capazes. Por não conseguir perceber bem os motivos que levam um gajo a querer meter-se na guerra... terei que reconhecer que às vezes só se dá pelo erro depois de se ter dado o passo inexorável da tomada de decisão e consequente prisão às amarras que daí decorrem... nos tempos atuais, em boa consciência, eu, o corsário que escreve estas linhas, teria que manifestar, a um colega que se me aparecesse com o mesmo dilema existencial que fosse pedir telha e comida ao Exército para o qual fosse servir... Mas, excetuando este detalhe que se prende com a valoração do mundo e com a justeza, ou não das coisas, o texto retrata aquilo que os Corsários têm melhor sabido fazer, não deixar um irmão na mó de baixo. Termino citando os versos de Camões apostos numa das paredes da sala de refeições da Casa:

“Mais vale experimentá-lo que julgá-lo, mas julgue-o quem não puder experimentá-lo.”

Dito isto à laia de introdução tenho uma declaração de interesse pessoal a fazer:

Sou amigo incondicional do Cristóvão de Aguiar, meu mentor na casa do Pico onde me recebeu, a mim e à minha mulher, como se de amigos de longa data se tratasse, nós que éramos de amizade recente surgida em colóquios da lusofonia. Durante os primeiros tempos cavaqueei longamente com o Cristóvão. Ambos, éramos e permanecemos, exaltados e revoltados contra a injustiça, quimera ensinada em verdes anos. Com ele aprendi e compreendi a canga que os cachaços insulares carream, muitas vezes, sem o saberem.

Numa fase seguinte, entre muitos escritores locais que fui lendo, voltei-me para a obra deste autor. Uma prosa que se cola como uma sanguessuga e sorve o sangue impedindo a irrigação cerebral. Fica-se refém da escrita, que não sendo fácil, enleia e se insinua na tentativa de forçar o leitor a buscar a compreensão do que lhe está subjacente. Embrenhei-me nos escritores que fui desbravando. Ao longo dos anos falei e escutei a maior parte deles (entretanto, já nos deixaram Fernando Aires, Daniel de Sá, Dias de Melo). O dilema da pequenez das ilhas para um autor se afirmar sem ser reconhecido fora delas, a atração pelo mercado continental mais vasto como forma de afirmação e alforria literária criando um misto de desligamento e aportuguesamento dos autores que se mudaram de armas e bagagens para fora das ilhas, a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, a emancipação de outros que venceram nos EUA e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo conseguiram alcandorar-se a um reconhecimento externo.

O que muitos deles não acreditavam era que por serem autores açorianos podiam aspirar a serem universais, não apenas insulares, não apenas portugueses, se entrassem em mercados mais vastos da Europa e do mundo. Poderiam chegar bem mais longe e libertar-se da prisão invisível que é a pequenez das 9 ilhas. Para isso, teríamos de mondar mercados novos e virgens, como a selva amazónica antes dos novos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que aprendem hoje o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e outros valores primordiais que tão arredados das escolas andam. Mas os colóquios queriam levá-los a mercados e leitores insuspeitos, incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há gosto e apetência por escritores lusófonos. Para isso, idealizamos a série de Antologias, uma bilingue para captação do mercado norte-americano e canadiano, outra maior, em dois volumes, uma coletânea de textos dramáticos para o ensino secundário e uma antologia no feminino dado que as autoras são sistematicamente esquecidas na comunidade conservadora e machista como é a sociedade açoriana. Todas estas obras são didáticas para serem estudadas nas escolas e se propagar este vírus altamente contagioso da escrita açoriana para leitores neófitos. Depois, deparámos com um fenómeno típico das sociedades insulares e bairristas, a existência de “capelinhas”, cliques e clagues, em torno das quais gravitavam alguns. Nem todos de qualidade despicienda, mas dependendo dessas cliques para artigos de jornal ou recensão crítica. Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo míngua de quantidade. Na maioria, sem projeção para além das ilhas, com exceções contemporâneas. Falta destrinçar, entre as centenas de autores, os que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os que se serviram do rótulo da açorianidade para terem visibilidade que, de outro modo, não teriam.

A solução que adotámos foi a de ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar a qualidade dos autores, com a ajuda dos que já conhecíamos e em quem já confiávamos. Daí as escolhas primeiras das antologias que posteriormente serão alargadas à medida que os formos descobrindo, sob o enorme guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga. Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fernando Aires, Cristóvão de Aguiar e Eduíno de Jesus surgem autores que podemos designar como a Maria das Capelas, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes até poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional ou local, mas não deveriam nunca estar sob um rótulo de literatura.

No 9º colóquio da lusofonia (ou 4º Encontro Açoriano da Lusofonia, abril 2009), Cristóvão de Aguiar rejeitou (mais uma vez) o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária

lusófona. «*O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa*», afirmou à agência Lusa o escritor.

Noutro qualquer dia escrevia eu que mal se vislumbra a costa da Bretanha em frente à janela do meu castelo aqui nesta falsa na Lomba da Maia onde habito. O grande Mar Oceano confunde-se com o azuláceo ou acinzentado céu, depende da cor das lentes com que se acorda. Está um tempo caramónico, como dizem em Terras de Miranda, sem necessidade de escarrabunhar os pés por estarem carraspidos. Sinto a falta do sol que me anima e vitaliza nesta humidade entorpecente que amolece corações e fenece almas. Assim desabafava mutuamente na guerrilha verbal contra a falta da função clorofilina que cerceia as musas e embota mentes. E era então que me contrapunha Cristóvão de Aguiar “*O tempo está mesmo abafado. Abafa o corpo e sobretudo a mente. Nunca mais há tempo decente*”. Otimista acredito que melhores dias virão. Concentro-me numa conceção positiva rumo à realização dos objetivos que pensa terminar durante o curto passeio terreno que lhe deram a oportunidade de usufruir. Os problemas, por maiores que sejam, são meras contrariedades. Umas maiores que outras. Assim repito para crer no que digo. O tempo as curará retirando-lhes o relevo e importância ou resolvendo-as. Os momentos incomuns de felicidade e alegria devem ser fruídos em plenitude. Comemorados, celebrados, prolongados e recordados. Para isso sirvo-me da escrita. Para reviver momentos bons. Como são normalmente raros convém que perdurem, cinzelados nas pedras da lembrança. Criam trejeitos, esgares de sorrisos nas comissuras dos lábios. Estas são as imagens que guardo deste autor que tanto aprecio e que ontem foi totalmente ignorado pelos habitantes da ilha e em especial de Ponta Delgada. Está provado que Cristóvão de Aguiar não dá votos a ganhar. Ainda bem.



termino com esta palavras que lhe dediquei em 2013

644. *Ao Cristóvão, Pico, 9 ago 2011/13 out 2013*

descobriram no pico

marroços milenares

piramidais construções

galerias ocultas

sem múmias nem tesouros

sem origem nem fim conhecido

falaram de fenícios, cartagineses

gente da pré-história

mas a verdadeira pirâmide

reside mais a norte

em s miguel arcanjo

numa atulhada falsa

com vista para s. roque

é a universal biblioteca

da nova alexandria

é lá que todas as noites

os livros se põem a dançar

debatem e trocam impressões

dão conselhos e admoestações

referem prodigiosas citações

partilham bailhos e saber

da universidade da açorianidade

